



**UNIVERSIDADE
FEDERAL
DE PERNAMBUCO**

**CENTRO DE CIÊNCIAS DA SAÚDE
DEPARTAMENTO DE FISIOTERAPIA**

**RESPONSABILIDADE SOCIAL DA UNIVERSIDADE PÚBLICA NA
SAÚDE MENTAL: RELATO DE EXPERIÊNCIA DE UMA DISCENTE
PERANTE DESAFIOS VIVENCIADOS**

RECIFE

2023

WILLIANNE GEOVANA VICENTE DA SILVA

**RESPONSABILIDADE SOCIAL DA UNIVERSIDADE PÚBLICA NA
SAÚDE MENTAL: RELATO DE EXPERIÊNCIA DE UMA DISCENTE
PERANTE DESAFIOS VIVENCIADOS**

**Trabalho de Conclusão do Curso,
apresentado para obtenção do grau de
Fisioterapeuta no Curso de Fisioterapia
da Universidade Federal de Pernambuco,
UFPE.**

**Orientadora: Prof.^a Dr.^a Cinthia Rodrigues
de Vasconcelos**

RECIFE

2023

Responsabilidade social da universidade pública na saúde mental: relato de experiência de uma discente perante desafios vivenciados

Social responsibility of the public university in mental health: report of a student's experience in the face of challenges experienced

Autoras: Willianne Geovana Vicente da Silva¹

E-mail: willianne.geovana@ufpe.br

Prof.^a Dr.^a Cinthia Rodrigues de Vasconcelos²

E-mail: cinthia.vasconcelos@ufpe.br

Resumo:

Dados epidemiológicos publicados em 2019 demonstram que os casos de suicídio aumentaram 43%, de 2011 a 2019, em todo o território brasileiro. Entre os adolescentes, o aumento foi de 81% e, nos casos em menores de 14 anos, esse aumento foi ainda maior, ultrapassando 100%. O mais preocupante é que, atualmente, o suicídio tem sido considerado a quarta causa de morte entre jovens na faixa etária de 16-25 anos, período em que a transição entre o ensino médio e superior acontece e é considerado por algumas pessoas como um momento estressante. O relato busca evidenciar a responsabilidade social da universidade pública e a importância de seus professores como fatores ambientais facilitadores para a saúde mental dos discentes. A metodologia utilizada foi a narrativa autobiográfica, baseada na reflexão crítica sobre as minhas vivências durante o curso. Os resultados mostram o enfrentamento de diversas dificuldades financeiras, familiares, pessoais e acadêmicas, que afetaram minha saúde mental e o meu desempenho no curso. Também relato situações de assédio moral, discriminação e falta de apoio por parte de alguns docentes, que contribuíram para o meu sofrimento psíquico. Destaco, porém, que também encontrei professores que foram sensíveis, acolhedores e incentivadores, que me ajudaram a superar os obstáculos e a concluir o curso com êxito. Toda uma análise do ambiente interno e externo da sala de aula, no contexto da Universidade, foi realizado, buscando sempre identificar os pontos positivos e os de melhoria, como também as oportunidades e os pontos gatilhos a serem evitados. Concluo, portanto, que a universidade pública tem um papel fundamental na promoção da saúde mental dos estudantes, especialmente dos que se encontram em situação de vulnerabilidade social, e que os professores podem

¹ graduanda do curso de fisioterapia da Universidade Federal de Pernambuco - UFPE

² Prof.^a Dr.^a do curso de fisioterapia da Universidade Federal de Pernambuco - UFPE

ser agentes transformadores nesse processo, desde que adotem uma postura ética, humanizada e comprometida com a formação integral dos discentes.

Palavras-chave: Fisioterapia, saúde mental, formação em saúde e vulnerabilidade social.

Abstract:

Epidemiological data published in 2019 show that suicide cases increased by 43%, from 2011 to 2019, throughout the Brazilian territory. Among adolescents, the increase was 81% and, in cases of children under 14 years of age, this increase was even greater, exceeding 100%. The most worrying thing is that, currently, suicide has been considered the fourth cause of death among young people aged 16-25 years, a period in which the transition between high school and higher education takes place and is considered by some people as a moment stressful. The report seeks to highlight the social responsibility of the public university and the importance of its professors as facilitating environmental factors for the students' mental health. The methodology used was the autobiographical narrative, based on critical reflection on my experiences during the course. The results show coping with various financial, family, personal and academic difficulties, which affected my mental health and my performance in the course. I also report situations of moral harassment, discrimination and lack of support from some professors, which contributed to my psychological distress. I emphasize, however, that I also found professors who were sensitive, welcoming and encouraging, who helped me to overcome obstacles and successfully complete the course. An entire analysis of the internal and external environment of the classroom, in the context of the University, was carried out, always seeking to identify the positive points and those for improvement, as well as the opportunities and trigger points to be avoided. I conclude, therefore, that the public university has a fundamental role in promoting the mental health of students, especially those who are in a situation of social vulnerability, and that professors can be transforming agents in this process, as long as they adopt an ethical, humanized posture. and committed to the integral formation of students.

Keywords: Physiotherapy, mental health, health training and social vulnerability.

INTRODUÇÃO

A saúde mental é definida pela Organização Mundial da Saúde (OMS), como um estado de bem estar em que o indivíduo utiliza suas próprias habilidades para contribuir com a sociedade, recuperar-se do estresse cotidiano e ser produtivo (OMS, 2022)

No contexto geral da saúde, a mental é uma das mais acometidas e, mesmo assim, ainda se percebe uma dificuldade à busca de ajuda e tratamento, inclusive esse comportamento é observado em estudantes de medicina, segundo um estudo de 2015 que têm apresentado com frequência distúrbios relacionados à saúde mental, mas mesmo assim, poucos são os que procuram tratamento devido ao estigma associado (BORINE, WANDERLEY, BASSITT, 2015).

Em 2011, o Brasil estava entre os dez países que registravam os maiores números de suicídios, totalizando 9.852 mortes, estando os transtornos mentais entre os fatores que estão associados a este desfecho (BOTEGA, 2014). Em 2019, a partir dos últimos dados epidemiológicos publicados pela Secretaria de Vigilância em Saúde do Ministério da Saúde, os casos de suicídio aumentaram 43% em todo o território brasileiro, havendo as maiores taxas nas regiões sul e centro-oeste (MINISTÉRIO DA SAÚDE, 2021).

Entre os adolescentes, o aumento foi de 81%. Nos casos em menores de 14 anos, esse aumento foi ainda maior, ultrapassando 100%, o que eleva o suicídio como a quarta causa de morte entre jovens de 15 a 29 anos no Brasil. Os impactos da pandemia do COVID-19 sobre a incidência de suicídios no mundo ainda estão sendo estudados, como é o caso da Organização Pan-Americana de Saúde (OPAS) que vem monitorando a incidência na América do Sul (MINISTÉRIO DA SAÚDE, 2021).

É no período da adolescência e juventude (compreendido no intervalo de 10-19 anos e 15-24 anos, respectivamente) que acontece a transição entre o ensino médio e superior, período esse marcado por mudanças e desafios característicos do indivíduo, o que favorece que esse ingresso na universidade seja percebido como um fator estressante. Assim, por não estarem seguros nessa inserção num ambiente

¹ graduanda do curso de fisioterapia da Universidade Federal de Pernambuco - UFPE

² Prof.^a Dr.^a do curso de fisioterapia da Universidade Federal de Pernambuco - UFPE

diferente do que se encontravam anteriormente, é comum que a saúde dos discentes seja afetada (ARIÑO e BARDAGI, 2018).

Um outro fator que é marcante no período de transição para uma universidade é a mudança dos relacionamentos interpessoais dos discentes, que especialmente nas instituições de ensino superior (IES) públicas, são ainda acompanhadas pela diversidade de situações socioeconômicas entre a comunidade acadêmica e do afastamento do ambiente familiar (ANDIFES, 2019). Essa diversidade, vêm aumentando nos últimos anos, especialmente por conta dos impactos da Lei de Cotas, publicada em 2012.

A lei nº12.711/2012, também conhecida como a Lei de Cotas, dispõe sobre o ingresso nas universidades federais e instituições federais de ensino técnico médio e dá outras providências e que garante 50% (cinquenta por cento) das vagas deverão ser reservadas aos estudantes que concluíram integralmente o ensino médio em escolas públicas, estudantes com famílias com renda igual ou inferior a 1,5 salário-mínimo per capita, pessoas com deficiência, autodeclarados pretos, pardos e indígenas (BRASIL, 2012).

A permanência dos estudantes na educação superior é influenciada por diversos fatores, sendo a condição financeira um determinante que se evidencia na vulnerabilidade social. Grande parte das famílias dos discentes universitários não conseguem arcar com os gastos com alimentação, moradia e transporte, assim uma possibilidade encontrada pelas mesmas é recorrer à assistência estudantil disponibilizada pela IES, a depender dos graus de vulnerabilidades do indivíduo (GANAM e PINEZI, 2021).

Desde 2010, com a publicação do decreto nº 7.234/10 que dispõe sobre o Programa Nacional de Assistência Estudantil (PNAES), as IES públicas têm conseguido disponibilizar condições de permanência dos universitários (BRASIL, 2010), por conta da busca constante de fortalecimento das políticas institucionais de assistência estudantil, através de moradia estudantil, restaurante universitário, bolsas, entre outros benefícios (ZBUINOVICZ e MARIOTTI, 2021).

Assim, mediante todo o contexto envolvido no aspecto biopsicossocial de adolescentes e jovens em meio ao aumento de taxas de suicídio nessa faixa etária, o presente relato busca evidenciar a responsabilidade social da universidade pública e a importância de seus professores como fatores ambientais facilitadores para a saúde mental dos discentes.

METODOLOGIA

Trata-se de um estudo descritivo, do tipo relato de experiência, no qual se apresenta às situações vivenciadas por uma discente do curso de fisioterapia de uma universidade pública do nordeste brasileiro entre os anos de 2017 a 2023, autora deste artigo, juntamente com uma das professoras do quadro docente de seu curso, na condição de apoiadora e facilitadora desse processo de narrativa autobiográfica, baseada na reflexão crítica das experiências vivenciadas durante o curso.

A experiência relatada é de uma jovem, de 28 anos, branca, oriunda do ensino fundamental e médio na rede pública estadual, tendo como renda *per capita* R\$ 500,00, com residência em um município localizado a 51 km da capital do estado. Como estuda numa IES situada na capital, sua rotina diária incluiu durante mais de cinco anos um deslocamento de 120 km, aproximadamente.

Como estratégias metodológicas, a docente utilizou em seus diálogos com a discente, ferramentas e instrumentos de favorecimento do autoconhecimento, fazendo-a, inclusive, ao longo de 18 meses conseguir tomar a decisão de transformar seu trabalho de conclusão de curso numa estratégia de mobilização, em seu curso de formação, para a conscientização de seus docentes sobre a relevância dos mesmos para o crescimento e desenvolvimentos de seus alunos, para além de uma formação exclusivamente profissional.

Evidências científicas, em especial os estudos epidemiológicos, foram utilizados para subsidiar as discussões sobre diversos assuntos que permeiam a temática deste relato, como: adoecimento psicológico, vulnerabilidade socioeconômica, relações familiares, rede de apoio, violência dentro do processo de formação (educacional), cenário político das universidades públicas, entre outros.

¹ graduanda do curso de fisioterapia da Universidade Federal de Pernambuco - UFPE

² Prof.^a Dr.^a do curso de fisioterapia da Universidade Federal de Pernambuco - UFPE

Para favorecimento da discente em seu processo de organização dos pensamentos, das suas lembranças sobre experiências vividas e também das suas ideias, foi utilizada a lógica da ferramenta SWOT (a sigla SWOT inglesa significa strenghts, weaknesses, opportunities e threats), também conhecida como FOFA (forças, oportunidades, fraquezas e ameaças). O objetivo era que durante o resgate das memórias, a cada inquietação ou mesmo *insights*, a discente refletisse em que categoria a mesma poderia ser enquadrada.

O presente relato visa evidenciar problemas e auxiliar na melhoria da dinâmica da academia no enfrentamento e falta de ações efetivas no combate ao desenvolvimento e elucidação de doenças psicológicas que acontecem durante a formação acadêmica, o que impacta diretamente na formação de profissionais aptos ao mercado de trabalho.

RESULTADOS (Relato da Experiência):

Minha singularidade e contexto biopsicossocial:

Filhas de uma manicure e um moto-taxi, eu e minha irmã mais velha fomos criadas somente pela minha mãe e meus avós maternos, em uma zona rural de um estado do nordeste, local de difícil acesso. Devido ao contexto social desfavorável, às famílias que habitavam aquele local tinham a esperança de que seus filhos conseguissem, no mínimo, se formar no ensino fundamental/médio. Ensino superior não era uma opção viável para todos.

Andávamos cerca de 6 km todos os dias para ir e voltar da escola nos dias em que não havia condução - algo que acontecia com frequência. Porém, em decorrência de um problema de saúde da minha avó, por questão de necessidade, tivemos que nos mudar para outra cidade, um pouco mais próxima da capital, para que seu tratamento fosse facilitado. Naquela cidade, pude terminar os meus estudos e me formar no ensino médio.

Superando as expectativas, consegui ingressar em uma universidade pública. Naquele momento, me tornava a primeira da família a conseguir isso. Um sonho particular que havia nascido há 15 anos atrás, acabou tornando-se realidade.

Como a fisioterapia despertou o interesse de uma criança:

Em 2001, quando eu tinha 7 anos de idade, minha avó descobriu um câncer de mama no estágio III. Cerca de um mês após a descoberta da doença, a mastectomia radical da mama esquerda foi realizada. Aos 44 anos, a descoberta do tumor, os tratamentos e a retirada da mama impactaram em seu cotidiano, tornando-se difícil para ela, principalmente porque sempre trabalhou com serviços manuais pesados e, naquele momento, não conseguia realizar tarefas básicas, perdendo quase que completamente a sua autonomia. Por morarmos em local de difícil acesso e por não termos carro à disposição, demorou para que ela pudesse ser assistida pela fisioterapia após a cirurgia.

Seis meses depois, ela finalmente pôde começar a fisioterapia. Eu sempre a acompanhava e foi naquele momento que tive o primeiro contato com a profissão e me interessei pela área. O primeiro contato me trouxe uma admiração profunda pela área, principalmente porque, através dela, a minha avó pôde ser reinserida em sua rotina, mesmo que um pouco mais limitada. Conforme a descoberta da doença, as limitações nas atividades de vida diária, a mudança em seu próprio corpo, ela acabou apresentando um quadro depressivo; pois naquele momento inicial havia sido afastada de sua rotina e não conseguia realizar coisas básicas como pentear o próprio cabelo ou lavar uma louça.

Ver isso sendo recuperado aos poucos foi muito significativo para mim. Meu amor pela profissão cresceu junto comigo.

Início da depressão e conflitos familiares:

No ano de 2010, ocorreu o falecimento da minha avó, que havia sido a minha principal fonte de inspiração e motivação. Esse acontecimento, desencadeou em mim, no auge dos meus 15 anos, os primeiros sinais de depressão, que no momento foi entendida pela minha família como uma tristeza pós luto.

Três anos mais tarde, em 2013, eu e a minha mãe fomos expulsas da nossa residência pelo meu avô e enfrentamos diversas dificuldades. Diante da possibilidade de recorrermos à justiça, ele nos concedeu uma de suas propriedades, mas como meu avô era o responsável pelo sustento da casa e pela minha referência

¹ graduanda do curso de fisioterapia da Universidade Federal de Pernambuco - UFPE

² Prof.^a Dr.^a do curso de fisioterapia da Universidade Federal de Pernambuco - UFPE

paterna (já que meu pai não participou da minha criação), foi extremamente difícil assimilar que eu não teria mais a vida que possuía antes.

Aquela situação se tornou um marco na minha trajetória e eu estava prestes a descobrir o quanto isso me afetaria. Devido ao estresse gerado por essa situação, voltei a apresentar quadros depressivos, fui encaminhada a um clínico geral que me receitou antidepressivo. Havia muita resistência por parte do meu pai, que mesmo separado da minha mãe e residindo em outra cidade, se recusava a me levar em um psiquiatra por causa de todo o estigma que naquela época ainda era muito forte. Apesar das dificuldades, naquele mesmo ano, consegui concluir o ensino médio.

Primeira conquista acadêmica em meio a desafios sociais e familiares:

No ano seguinte (2014), me submeti ao Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM), porém não obtive pontuação suficiente para ingressar no curso de fisioterapia, que era o meu objetivo. Alguns colegas conseguiram vagas em cursos pré-vestibulares particulares, outros em públicos. Eu fui aprovada no Pré-Vestibular da Universidade de Estadual, considerado como uma grande oportunidade para mim. Suas aulas ocorriam nos turnos da manhã e tarde dos finais de semana, com cursos gratuitos de revisão nas principais disciplinas, além de orientação vocacional e material didático. Porém, não pude permanecer nele até o final, pois havia despesas de transporte e alimentação que naquele momento não podia custear.

Mesmo assim, me submeti novamente ao ENEM naquele ano e, mais uma vez, não fui bem sucedida. Por não dispor de condições financeiras para pagar um curso pré-vestibular que me oferecesse aulas diárias, naquele momento e julgando que não teria capacidade de entrar na Universidade Federal, o meu sonho foi deixado de lado. Era mais fácil afirmar que eu não queria do que admitir que não conseguia alcançar tal meta.

Dificuldade, desistências e conquistas:

Embora não esperasse, fui aprovada em um curso técnico de enfermagem pelo Programa Nacional de Acesso ao Ensino Técnico e Emprego (PRONATEC), mas tive que desistir dele, pois já nos primeiros meses do curso, enfrentei dificuldades

para lidar com meu Transtorno de Déficit de Atenção (TDA) e fui alvo de zombarias na minha turma por isso.

Além disso, comecei a receber cobranças em casa sobre não contribuir o suficiente nas despesas. Na época, eu trabalhava meio período em uma padaria no meu bairro e ganhava muito pouco. Pouco tempo depois, minha mãe adoeceu e senti a necessidade e a responsabilidade sobre os meus ombros. Precisava conseguir um emprego integral para ajudar nas contas da casa.

Em janeiro de 2015, consegui um emprego em uma loja de artigos de festa. No ano seguinte, após refletir sobre os meus objetivos profissionais e pessoais, decidi que não deveria renunciar aos meus sonhos por medo do fracasso. Assim, no começo de 2016, fui novamente em busca de uma vaga na universidade, me dedicando ao máximo, mesmo que isso custasse a minha saúde mental. Essa foi, sem dúvida, uma escolha equivocada, pois a saúde mental é um bem precioso e inegociável.

Para alcançar meu propósito, me matriculei em dois cursos preparatórios para o vestibular: um de conhecimentos gerais e outro de redação. Além disso, obtive uma vaga no curso preparatório para o vestibular oferecido pela Universidade Federal, que tinha as mesmas características do pré-vestibular que tive que abandonar dois anos antes, por falta de recursos para permanência. Esse pré-vestibular, assim como o anterior, também funcionava nos finais de semana. Dessa forma, minha rotina era bastante intensa: trabalhava das 8h da manhã até às 18h e frequentava um dos cursinhos das 18:30 até as 22h.

Logo nos primeiros meses, constatei que seria inviável conciliar todas as atividades e abandonei o cursinho dos finais de semana. Dormia pouquíssimas horas e tinha uma alimentação inadequada. Nesse período, perdi aproximadamente 10 kg, sofria com a ansiedade e tinha paralisia do sono com frequência. Mas não havia alternativa senão enfrentar aquela situação, caso contrário, jamais ingressaria como estudante na tão sonhada universidade pública.

Uma trajetória de resistência:

No começo de 2017, realizei um grande sonho: ingressar na Universidade Federal do meu estado. No entanto, não foi no curso que realmente queria. A minha primeira

¹ graduanda do curso de fisioterapia da Universidade Federal de Pernambuco - UFPE

² Prof.^a Dr.^a do curso de fisioterapia da Universidade Federal de Pernambuco - UFPE

opção era Fisioterapia, mas só consegui uma vaga no curso de Ciências Biológicas. Apesar da minha frustração, decidi fazer a matrícula e tentar uma transferência interna assim que possível. Para a minha surpresa, o resultado do remanejamento saiu e fui contemplada com uma vaga em Fisioterapia na segunda entrada.

Fiquei muito feliz e aliviada, pois tinha entrado pelo sistema de cotas de renda e sabia que as chances eram poucas. Foram nove vagas para nove pessoas que, assim como eu, não tiveram as melhores oportunidades na vida. Me pergunto frequentemente: nove entre quantas dezenas ou centenas? Consegui ingressar no curso que desejava. Mas quantas pessoas ficaram atrás de mim? Essa questão ecoou na minha mente durante os anos subsequentes, sobretudo quando alguns professores da universidade, inúmeras vezes, fez com que eu sentisse que aquele não era o meu lugar nem o meu espaço.

Alguns meses antes de iniciar o curso superior, encerrei o meu vínculo empregatício. Naquele período, o transporte público que conduzia os alunos da minha cidade até campus universitário havia sido suspenso pela administração municipal, mas como eu havia me organizado financeiramente para custear possíveis despesas que pudessem surgir até a obtenção da bolsa permanência na instituição de ensino, não fui impactada com esse desafio que seria para o deslocamento. Esse era o meu plano.

Ingressei na UFPE no segundo semestre de 2017. Me lembro claramente da primeira semana na universidade, da mudança de perspectiva; uma combinação de insegurança, temor e paixão. Paixão pela universidade, orgulho de ter alcançado o melhor curso da região norte-nordeste. Minha mãe estava se sentindo realizada, fazia questão de mencionar isso a todos sempre que tinha oportunidade.

Uma das primeiras impressões que tive ao ingressar no curso foi a receptividade calorosa dos estudantes veteranos que compunham o diretório acadêmico (DA). O DA desempenhou e desempenha um papel importante na integração dos novos alunos, promovendo atividades em grupo e apadrinhamento desses alunos. O apadrinhamento consiste em um veterano se disponibilizar a auxiliar um calouro com dúvidas ou materiais que possa oferecer. É uma forma de apoio e orientação.

A facilidade de todo o acolhimento, às pessoas maravilhosas que conheci e que tenho o prazer de chamar de colegas de turma e amigos, todos esses aspectos contribuíram para que me sentisse parte do curso, com a certeza de que havia alcançado um objetivo e só sairia com o meu diploma. No entanto, não demorou muito para que as dificuldades surgissem.

No começo do semestre, solicitei a bolsa nível que me foi negada pela universidade por "insuficiência de recursos". Fiquei angustiada, pois não possuía condições de permanecer na universidade por mais um semestre sem ter recursos. Enquanto a bolsa não me era concedida, muitos outros estudantes comentavam como haviam sido beneficiados com a bolsa, como omitiram documentos para que isso ocorresse ou como utilizariam suas bolsas com coisas desnecessárias.

Em contraste com isso, eu precisava desembolsar R\$ 20,00 reais todos os dias para estar na universidade. Devido ao fato de que o Restaurante Universitário não era concedido gratuitamente para os estudantes que não possuíam bolsa nível, na maior parte dos dias, realizava apenas uma refeição diária. Comia o que era possível às quatro horas da manhã, quando acordava para pegar o ônibus das cinco horas e chegar à universidade. Não comia quase nada quando retornava para casa às dezenove horas, pois o esgotamento me dominava e muitas vezes apenas tomava um banho e ia dormir ou ficava tão ocupada estudando que simplesmente dispensava a refeição. Dormia cerca de quatro horas por dia.

Além da angústia com a incerteza de manter o vínculo com a universidade, enfrentei as enfermidades que acometeram a minha mãe e a impediram de exercer a sua profissão, como por exemplo as dores provocadas pelas hérnias de disco que se manifestaram em todos os segmentos da coluna.

Muitas vezes fingia um bem estar para que minha mãe e outras pessoas não notassem o meu esgotamento ou a minha situação de privação alimentar. Me sentia constrangida em falar sobre esse assunto diante dos meus colegas e receosa de provocar na minha mãe o sentimento de incapacidade por não poder me auxiliar financeiramente. Naquele período, contávamos apenas com os R\$ 150,00 reais do programa bolsa família, do que ela conseguia arrecadar com a revenda de

¹ graduanda do curso de fisioterapia da Universidade Federal de Pernambuco - UFPE

² Prof.^a Dr.^a do curso de fisioterapia da Universidade Federal de Pernambuco - UFPE

cosméticos e do que havia restado do meu seguro desemprego, o que não totalizava 20% do valor do salário mínimo desse período.

A elevada demanda acadêmica, a rotina desgastante, a falta de empatia e respeito por parte de muitos docentes faziam com que o ambiente que deveria ser acolhedor se tornasse o mais hostil que já havia frequentado. No decorrer daquele semestre, quando me vi em uma situação de angústia sem ter certeza se permaneceria no curso, apresentei um recurso à reitoria. Me parecia injusto que alguém com uma condição financeira tão precária quanto a que eu estava enfrentando não pudesse obter a bolsa, enquanto diversos outros estudantes haviam sido contemplados com o benefício.

Era absurda essa situação. Considerar que provavelmente existiam outros discentes que enfrentavam situações ainda mais adversas do que a minha, e assim como eu poderiam estar cogitando ou que já tivessem abandonado o curso por não conseguirem custear as despesas geradas por ele, me inquietava. Tinha ciência que eu era apenas uma entre outros milhares de indivíduos que, sequer, tiveram a chance de ingressar na universidade, por falta de oportunidade ou por uma conjuntura econômica desfavorável.

No primeiro semestre de 2018, obtive finalmente a Bolsa Nível 4, que me classificava como uma estudante em situação de maior vulnerabilidade social. O valor da bolsa era de R\$ 400,00 reais. Essa quantia deveria cobrir as despesas com alimentação, transporte, material, vestuário e demais necessidades que R\$ 400 reais pudessem pagar, ou seja, não muitas. Contudo, estava satisfeita, pois era uma ajuda significativa, muito melhor do que não ter nenhum recurso. Naquele período, desconhecia que esse valor seria insuficiente para custear uma consulta com o psiquiatra e os medicamentos que precisaria tomar para tentar evitar o pensamento suicida que surgiria tempos depois, decorrente de tantos gatilhos.

A importância do acolhimento e união entre componentes de uma turma na universidade:

Em virtude de uma interrupção temporária das atividades do R.U naquele ano, apenas os estudantes que residiam em uma das Casas do Estudante Universitário (CEU'S) tinham direito ao benefício da alimentação. Como não me enquadrava

nesse critério, enfrentei novamente dificuldades financeiras. Novamente passei a me alimentar apenas uma vez por dia, até que uma amiga notou a minha situação e, de forma discreta, me convidava para almoçar e custeava todas as minhas refeições, todos os dias até a reabertura do R.U.

Foi um dos momentos que mais tive vontade de abandonar o curso, mas graças ao que ela fez por mim naquele momento e em tantos outros, consegui continuar. Durante aquele ano, tive que escolher cuidadosamente em quais aulas poderia faltar, pois precisava economizar dinheiro para conseguir terminar o período sem reprovar por falta, o que poderia acarretar na suspensão do meu auxílio.

Uma das afirmações que posso fazer com segurança, é que tive a oportunidade de encontrar pessoas bondosas, integrar uma turma de pessoas solidárias. Sempre recebi apoio e amparo deles, que desde o início sempre se esforçaram para facilitar as coisas pra mim e sempre se mostraram dispostos a me auxiliar no que fosse preciso.

Naquele ano também enfrentamos um inverno rigoroso com muita chuva, vários alagamentos e suspensão de aulas. Naquela ocasião, não tinha mochila, um guarda-chuva e nem mesmo roupas adequadas para o clima frio. Me lembro de ter telefonado para o meu progenitor, de ter relatado todas as dificuldades que enfrentava, de como estava sendo tão difícil me manter ali. Meus pais não possuem sequer o ensino médio completo, não podia contar com nenhum auxílio vindo deles, sobretudo do meu pai que sempre se esquivou das responsabilidades paternas.

O encerramento daquele ano ocorreu da seguinte forma: o R.U havia sido reaberto e a prefeitura da cidade a qual residia havia disponibilizado os transportes coletivos para os estudantes universitários. As circunstâncias estavam finalmente favoráveis. Contudo, 2019 trouxe novos desafios a serem enfrentados. Naquele ano iniciamos as nossas aulas no Departamento de Fisioterapia, finalmente iríamos começar a ter um conteúdo mais direcionado para a nossa área de formação.

Apesar dos acontecimentos e dos relatos de situações adversas envolvendo alguns docentes do departamento, estávamos entusiasmados em ter nossas próprias experiências e formar nossas opiniões com base em nossas vivências. Contudo,

¹ graduanda do curso de fisioterapia da Universidade Federal de Pernambuco - UFPE

² Prof.^a Dr.^a do curso de fisioterapia da Universidade Federal de Pernambuco - UFPE

logo percebemos a hostilidade de alunos de outras turmas, mais avançadas que as nossas. Além de lidar com a agressividade ou a passivo-agressividade de alguns docentes, enfrentávamos a hierarquia dos próprios alunos que pareciam reproduzir comportamentos tóxicos.

A minha situação psicológica deteriorou-se ao longo do ano, enfrentando diversos episódios de ansiedade intensa e dores abdominais severas. No final do primeiro período desse ano, quando deveria apresentar, pela primeira vez, um seminário sozinha para obtenção de nota de uma determinada disciplina, sofri a minha primeira crise de pânico. Me senti muito mal e fui conduzida por uma colega para fora do departamento, até que me sentisse suficientemente recuperada para regressar à sala e comunicar ao professor que não seria capaz de apresentar o meu trabalho.

Naquele dia, ao retornar pra casa, me senti um fracasso, me desesperei com a situação pois havia entrado em um colapso mental por causa de algo que qualquer acadêmico julgaria como uma coisa insignificante, mas que para mim, gerou o meu primeiro gatilho de ideação suicida. E aquilo era apenas a ponta do *iceberg* e que emergiria nos meses seguintes.

No encerramento daquele período letivo, quando tentei me equiparar ao desempenho dos meus colegas, considerei que, diante da minha situação, era razoável cursar nove disciplinas simultaneamente. No entanto, enfrentei dificuldades em identificar os sinais de alerta, em compreender que o meu corpo já não suportava mais aquela sobrecarga de estresse, tive dificuldade de reconhecer os fatores que favoreciam o desempenho dos meus colegas e achava que levar isso em consideração era tentar de alguma forma justificar os meus insucessos.

O que me dominava era também o medo, principalmente de me encontrar solitária, medo de permanecer em um grupo distinto que eu percebia que não era tão acolhedor. Éramos vistos como "a última turma unida do Departamento" e lamentavelmente, na atualidade isso não mudou. Se eu ainda estava lá, em parte era porque a minha turma era genuinamente boa e tudo isso se tornou ainda mais evidente ao longo de cada semestre, quando precisei de mais suporte.

A comunicação violenta como uma forma de opressão e exclusão nas instituições de ensino superior:

Durante o período acadêmico, fui exposta a diversas situações que me afetaram negativamente. Sofri assédios verbais por parte de docentes, que nos ofendiam com adjetivos pejorativos como “burrinhos”, “lerdinhos” e questionavam nossa aptidão para a universidade, afirmando que nunca seríamos bons profissionais, nos humilhando perante os pacientes e estimulando a competitividade entre nós. Além disso, presenciei assédios sexuais, violências psicológicas e verbais que muitas vezes não eram denunciadas por receio de represálias e, quando eram, não havia uma punição adequada, pois os órgãos da universidade encobriam os casos e, parte do corpo docente, costumava se proteger e se defender entre si.

Frequentemente, quando manifestamos descontentamento com alguma situação problemática envolvendo algum docente ou a coordenação, somos aconselhados a nos adaptar, pois essa é a característica pessoal do(a) professor(a). Alega-se que no futuro encontraremos muitas pessoas assim e que precisamos aprender a conviver com isso. Essa é uma estratégia de persuasão para que os alunos não divulguem comentários negativos sobre o departamento e a dinâmica vivenciada ali dentro, evitando assim possíveis represálias.

Tudo o que possa prejudicar a reputação da instituição é sempre ocultado e tratado como se não fosse nunca tivesse existido. A atitude de alguns professores de tecer comentários capacitistas e de rotular os alunos com problemas psicológicos como se fossem bombas prestes a explodir, que a qualquer momento pudessem tornar-se pessoas violentas e se voltarem contra professores, outros alunos ou até mesmo contra os pacientes, é extremamente desrespeitosa e desumana. Esses alunos estão passando por inúmeras dificuldades e que muitas vezes precisam apenas de alguém que os entenda e respeite seus limites.

Era comum recebermos incentivos para que reduzíssemos o tempo de sono a fim de estudar mais ou mesmo para que abdicássemos dele, pois “dormir é para os fracos”. Além disso, era reforçado em nós o sentimento de culpa quando relatávamos ter tido momentos de lazer, pois neles não havia produtividade acadêmica. Isso muitas vezes nos levava a diminuir ou eliminar esses momentos, como foi o meu caso.

“Resolva seus problemas financeiros e depois você volta pra universidade”. Frases como essa apenas evidenciam que a universidade e seu corpo docente não estão

¹ graduanda do curso de fisioterapia da Universidade Federal de Pernambuco - UFPE

² Prof.^a Dr.^a do curso de fisioterapia da Universidade Federal de Pernambuco - UFPE

capacitados para lidar com seres humanos em uma classe financeira inferior à sua, reforçando a ideia de que aquele é um ambiente elitizado, preparado somente para receber pessoas em boas condições financeiras. Não há como sentir que aquele é um lugar de pertencimento quando se ouvem frases assim provenientes dos seus professores quando se apresentam problemas decorrentes de questões financeiras desfavoráveis. Muitos alunos de origem humilde frequentam a universidade com a esperança de se formarem e terem uma profissão, tentando fugir da pobreza, da falta de oportunidade e com esperança de mudarem sua realidade de vida e poderem dar dignidade de vida à sua família. A universidade, muitas vezes, é vista como um lugar de possibilidade de ascensão social.

Ideações suicidas e procura de serviço especializado:

À medida que o semestre se aproximava do fim, voltei a sofrer um colapso, pois meu estado mental decaiu ainda mais quando fiquei quase 15 dias sem conseguir dormir. Morar longe e chegar em casa muito tarde exige que se encontre um momento para estudar, e quando esse momento não existe, ele é criado. E assim foram os meus.

O momento era na madrugada, então dormia cerca de 2 ou 3 horas por noite (quando não passava a noite em claro) pois precisava dar conta de semanas de provas que tinham 7 ou 8 avaliações, muitas vezes, obviamente, mais de uma por dia, além das atividades e seminários. E claro, novamente, eu era cobrada, dessa vez, não só pela universidade, ou em casa, mas pelo meu próprio corpo.

Passei a não dormir mais, mesmo que tentasse muito. As noites de privação de sono começaram a mexer comigo, as notas ruins me afetavam, pois parecia que por mais que tentasse, por mais que eu estivesse me esforçando, não era suficiente. A ausência de sono por quinze dias, o baixo desempenho acadêmico e as críticas negativas me levaram a questionar, mais uma vez, o motivo de persistir em permanecer naquela situação, e até a questionar o motivo de estar viva, diante das evidências de que eu não seria capaz de superar todas as adversidades, não seria capaz de resolver minha situação financeira, não me sentia uma boa filha pois dedicava todo o meu tempo à minha vida acadêmica e essa, naqueles dias, me parecia medíocre.

Devido à gravidade da minha situação, minha mãe decidiu me encaminhar a um psiquiatra. Ela tomou essa atitude depois que voltei para casa e expressei que não tinha mais vontade de viver, pois sofria de diversas formas. Comecei a ter mais crises de ansiedade pela vontade que tinha de cometer suicídio, nada fazia com que a minha cabeça parasse, e nem com que aquela angústia no meu peito fosse embora.

Chorava por que queria me matar e não conseguia fazer, me preocupava com a minha mãe, não queria que ela sofresse, mas minha mente tornou-se deturpada, a achava egoísta por não permitir que eu fizesse o que queria pra ter paz. O sonho da minha mãe se tornou um dos maiores pesadelos da vida dela; ver um filho implorar para morrer.

Após iniciar o tratamento com hipnóticos, consegui finalmente voltar a dormir. Nos primeiros dias, fiquei mais ansiosa, aguardando que o antidepressivo surtisse efeito e que eu deixasse de sentir tudo aquilo. Sofria com anedonia, um estado no qual nada do que eu costumava gostar de fazer; ouvir música, ler algum livro, ver filmes, nenhuma dessas atividades me proporcionava prazer. Ou seja, nada me oferecia uma válvula de escape, o que agravava a minha situação.

Me sentia infeliz e vazia, os dias demoravam a passar e eu ficava ansiosa pela noite, quando poderia finalmente tomar os remédios e conseguir me “anestesiá-la” por algumas horas pois todas as coisas eram feitas com muito sacrifício; levantar da cama, tomar um banho ou até mesmo comer. Considerar a possibilidade de interromper o curso, me deixava extremamente angustiada. Mas pensar na possibilidade de me matricular novamente também me deixava mal, pois isso implicava em retornar para lá quando o meu maior desejo era nunca mais ter que entrar na Universidade novamente.

Após quinze dias, retornei a universidade e fui chamada para uma conversa com a coordenação que se mostrou solícita, me acolhendo e levando minha situação ao pleno para que eu não acabasse sendo reprovada por falta, então, levando em consideração o momento que eu estava vivendo e entendendo a complexidade da situação, foi decidido entre corpo docente que eu continuaria o período normalmente, desconsiderando as minhas faltas.

¹ graduanda do curso de fisioterapia da Universidade Federal de Pernambuco - UFPE

² Prof.^a Dr.^a do curso de fisioterapia da Universidade Federal de Pernambuco - UFPE

Início da pandemia de covid-19 e afastamento do ambiente acadêmico:

No início de 2020, ocorreu a pandemia de covid-19 e as atividades presenciais foram suspensas. Ao contrário de muitas pessoas, não tive um agravamento da minha saúde mental, mas sim uma estabilização por um período. Retomei algumas práticas que me davam prazer e descobri novos interesses. Porém, nesse momento, passei a questionar mais intensamente o meu propósito e a minha afinidade com a área que pretendia seguir.

Cheguei até a perder o interesse pela fisioterapia; foi uma forma de auto sabotagem que acabei desenvolvendo. Me dava motivos pra não continuar com o que tinha sido meu sonho por tantos anos, assim como havia acontecido nos primeiros três anos após completar o ensino médio. Apesar disso, continuei, me matriculei no semestre seguinte, as aulas passaram a ser híbridas, mas com presença facultativa. Por isso, optei por não comparecer a algumas aulas práticas, tanto pela preocupação de me contaminar e colocar em risco a saúde da minha mãe (que pertencia ao grupo de risco) quanto pelo sentimento de não me estar totalmente preparada para esse retorno.

O isolamento da universidade trouxe algumas vantagens para mim, mas também acentuou o desinteresse pela área, a aversão à instituição, pois o distanciamento me privou de aspectos positivos da graduação, como por exemplo a convivência com os meus amigos, os momentos de descontração que podia compartilhar com eles, seja em estudos coletivos ou em atividades de lazer.

Devido às restrições impostas pela pandemia de covid-19, o projeto de extensão com idosos, no qual participava e que me proporcionava contato com pessoas maravilhosas e uma maior proximidade com a profissão, teve que ser suspenso temporariamente. Isso resultou na perda de um vínculo afetivo importante com a área. Além disso, as disciplinas do curso apresentaram uma demanda excessiva de atividades, com prazos curtos e pouco flexíveis, o que diminuiu ainda mais o meu entusiasmo pelo estudo. Assim, passei a encarar tudo como uma obrigação e não como um amor.

Retorno às atividades acadêmicas com ideações suicidas e uso de mecanismo de autolesão:

Com o reinício das atividades acadêmicas, enfrentei mais um episódio de crise emocional. Nesse período, desenvolvi glossofobia, um medo intenso de falar em público, e sofria ataques de pânico sempre que era solicitado que me apresentasse ou expusesse algum trabalho. Durante essa fase, contei com o apoio de uma colega de classe, que se ofereceu para conversar com alguns dos professores e explicar a minha situação, pois não tinha coragem de fazê-lo. Temia que eles não compreendessem o meu problema, o que de fato ocorreu em algumas ocasiões. No entanto, também encontrei professores que se sensibilizaram com a minha condição e tentaram me auxiliar, tornando o processo menos traumático e adaptando as formas de avaliação.

Devido ao meu baixo rendimento acadêmico e a constante comparação com os demais estudantes, me sentia frustrada por não atingir as minhas expectativas pessoais e acadêmicas, bem como por não preservar a minha saúde mental. Nesse contexto, enfrentei um processo difícil, uma luta intensa contra as minhas tendências suicidas, nas quais recorria à automutilação como forma de evitar o meu suicídio. O mecanismo de autolesão era empregado com dois objetivos: aliviar as minhas dores emocionais e/ou prevenir o suicídio. Não se tratava de um método saudável ou recomendável, jamais seria. Mas era o que eu tinha naquele momento. Por consequência disso, precisava utilizar blusas de manga longa, faixas e *kinesio tapes* para tentar ocultar as feridas e as cicatrizes.

Tentativa de acolhimento no Núcleo de Assistência à Saúde do Estudante:

No ano de 2021, solicitei assistência psicológica ao Núcleo de Assistência à Saúde do Estudante (NASE) da Universidade, porém, fui informada de que existia uma extensa lista de espera para o atendimento e que deveria me inscrever nela e aguardar como os demais discentes. Naquele mesmo ano, uma das minhas docentes entrou em contato com o NASE, tentando referenciar o meu caso e tentar persuadir o núcleo de que a minha situação era urgente e demandava mais atenção.

Após algumas sessões pontuais, o núcleo entrou em contato com o Centro de Atenção Psicossocial (CAPS) da minha cidade e me informou que tentaria intermediar um acompanhamento mais adequado para mim, tendo em vista que estaria formada em um ano e continuaria com demandas que a universidade não

¹ graduanda do curso de fisioterapia da Universidade Federal de Pernambuco - UFPE

² Prof.^a Dr.^a do curso de fisioterapia da Universidade Federal de Pernambuco - UFPE

poderia mais suprir. No entanto, fiquei apenas com a promessa de que o NASE não me deixaria desassistida.

Do CAPS fui encaminhada para o Núcleo de Saúde Mental (NASM) do meu município e, em poucas semanas, fui novamente desassistida. Quanto ao NASE, nunca mais entrou em contato comigo. Apesar de tudo, não me surpreendi, pois não era a primeira aluna a ser abandonada pelo núcleo responsável pelo acolhimento dos estudantes.

Após um breve período, interrompi o uso dos antidepressivos por motivos econômicos, pois não dispunha de recursos para custear o tratamento. Permaneci apenas com os medicamentos noturnos; quetiapina e zolpidem, já que sofria de insônia sem eles. Aquele ano culminou com uma tentativa de suicídio por overdose. No início de 2022 ocorreu o que seria minha última automutilação, minha mãe adentrou o quarto naquele dia e presenciou não somente o chão do meu quarto ensanguentado, mas também a mim, naquele dia me infligi ferimentos com tanta raiva, sentia tanto desprezo por mim, me considerei insignificante e fracassada e em seguida com tanta repulsa por ter feito aquilo comigo, por não demonstrar nenhuma compaixão por mim mesma ou até mesmo por não ter alcançado o mínimo; tirar minha vida.

Naquele dia, vivenciei uma das piores experiências da minha vida. Foi extremamente doloroso para mim ver a reação da minha mãe ao me encontrar naquela situação. Apesar de termos uma convivência difícil, ela não merecia presenciar aquela cena. Ela chorou enquanto cuidava dos meus ferimentos e me pediu que parasse com aquele comportamento autodestrutivo. Ela ameaçou me internar em uma clínica se continuasse com aquilo. Nenhuma mãe deveria sofrer o que a minha sofreu. Naquele dia ela me pediu que largasse a universidade.

Busca de equilíbrio e autocuidado:

Em resposta ao desafio acadêmico, escolhi a solução mais adequada que consistia em me mudar para uma das Casas do Estudante Universitário, a fim de ter uma rotina menos cansativa, com tempo para dormir e praticar alguma atividade física e, conseqüentemente, dispor de mais tempo livre para estudar. Esclareci na documentação que precisava enviar, que a opção da casa feminina era a mais

conveniente para mim, pois, como tomo remédios para dormir, me sentiria mais segura em um ambiente exclusivamente feminino. Apesar disso, deixei a opção da casa mista em aberto, pois pretendia fazer uma permuta que já estava garantida caso eu entrasse. No entanto, a assistente social ligou para mim uma única vez para avisar que eu havia conseguido a vaga e, como não atendi mesmo estando com o nome na lista, minha vaga foi cedida a outra pessoa cerca de 2h depois da tentativa de contato.

Entrei em contato com a assistente social do NASE no dia seguinte, expliquei a situação, meu estado de saúde mental e sobre o quanto me mudar ajudaria nas minhas questões de saúde, já que, além disso, eu e minha mãe não vivíamos em uma situação familiar saudável. Às vezes, voltar para casa era pior do que ficar na universidade. Demonstrando, mais uma vez, o despreparo do NASE para lidar com alunos em estado de adoecimento mental, a assistente social disse uma frase totalmente insensível e capacitista: “Já que você tem esses problemas de depressão é melhor que não tenha ficado na vaga mesmo”.

Desisti da vaga, não havia nada que pudesse ser feito. Posteriormente, fiquei sabendo que uma estudante havia obtido uma vaga adicional no quarto de hóspede na casa feminina, ideia que eu havia proposto à assistente social, mas ela me informou que não havia mais disponibilidade. Após tomar conhecimento disso, tentei contatar novamente a assistente social para verificar se havia alguma outra possibilidade de vaga, mesmo que fosse de hóspede, mas nunca recebi uma resposta.

Tentando buscar outras alternativas e sem renunciar ao meu objetivo, mas buscando um equilíbrio; a melhor decisão foi ter serenidade com meus processos, priorizar os meus limites acima de qualquer coisa. Optei então por cursar o oitavo período de forma parcial, o período mais intenso do curso. Escolhi me matricular nas disciplinas de acordo com as minhas condições. A sensação de não ter avançado o suficiente, por não ter realizado coisas notáveis o bastante ainda persistia, pois muitas coisas que eu almejava fazer, não pude pois os fatores que me restringiam eram maiores do que eu podia enfrentar e nunca me senti plenamente acolhida, nunca me sentia aceita e compreendida, me sentia diferente.

¹ graduanda do curso de fisioterapia da Universidade Federal de Pernambuco - UFPE

² Prof.^a Dr.^a do curso de fisioterapia da Universidade Federal de Pernambuco - UFPE

Frequentemente, questionava-me sobre a adequação da minha decisão de dividir o período, pois isso implicava em adiar a conclusão do meu curso e separar-me da minha turma de origem. A decisão foi extremamente difícil, porém a presença de uma amiga que, por motivos lamentavelmente similares aos meus, também optou por dividir o período para se preservar, foi acalentadora. Tinha a certeza de que não estaria passando por tudo sozinha, pois ela, ao longo desses anos, foi parte fundamental da minha rede de apoio e me acompanhou nos momentos mais difíceis.

Apesar do adiamento na finalização do meu curso, a cada dia ficava mais claro que era o que eu deveria ter feito, a melhor escolha foi me respeitar e considerar os meus limites. Graças a alguns professores, à solidariedade de alguns, consegui concluir as disciplinas da forma mais serena possível.

Realizei os primeiros avanços para superar o meu medo de falar em público, recebendo feedbacks positivos dos professores por meus esforços. Isso contribuiu para que me sentisse mais integrada, que recuperasse o amor pela fisioterapia e que ganhasse mais confiança. Naquele ano, tive a oportunidade de me tornar monitora em uma área de meu interesse e de minha possível futura área de atuação profissional, após um convite.

Estágios e comunicação não violenta:

Durante os estágios, enfrentei muitos desafios emocionais. Antes de chegar ao local de trabalho, sofria com crises de ansiedade, temendo ser humilhada pelos preceptores caso não dominasse todos os conhecimentos necessários. Muitas vezes, chorava antes de sair de casa, pois me sentia uma impostora, que não pertencia àquele lugar nem àquele curso.

Essa sensação me acompanhou durante grande parte da minha graduação e me fazia acreditar que alguém iria me desmascarar a qualquer momento. O resultado da minha experiência foi completamente surpreendente. Recebi afeto, consideração e orientação adequada para o meu aprendizado como uma estudante. Foi assim que eu deveria ter sido acolhida desde o início na universidade. Naquele estágio me sentia integrada, motivada a aprender, a atender, e meus receios e inseguranças foram se dissipando.

Estabeleci muitas amizades, com pacientes e fisioterapeutas, e ao final, como quem sela uma cicatrização, uma das supervisoras me convidou para trabalhar com ela futuramente. Talvez ela nunca saiba, mas chorei naquele dia quando voltei pra casa, pois sentia que outros profissionais da área me viam de verdade, viam que eu tinha potencial, me fez acreditar de verdade em mim. Isso teve um peso extraordinariamente grande sobre mim. O ponto não foi o convite, e sim o reconhecimento. A uma das preceptorias mais marcantes, com toda certeza. A minha “síndrome do impostor” chegava ao fim.

Em todos os outros estágios, pude constatar o mesmo respeito e a mesma dignidade. Sentia-me plenamente à vontade para questionar e esclarecer dúvidas, sem receio de ser tratada com desprezo ou violência. Posso afirmar com segurança que meu desempenho aprendido dos assuntos eram muito superiores quando recebia um ensino respeitoso, por parte dos professores e preceptores. A facilidade de aprender pelo amor é muito maior do que apenas decorar por temer o professor. Em algumas áreas, tenho muita dificuldade devido a experiências ruins que vivenciei, as quais me fizeram bloquear certos assuntos.

As experiências negativas também contribuíram para que meus colegas abandonassem seus projetos acadêmicos, fossem eles de pós-graduação, mestrado ou mesmo de atuação em áreas de seu interesse, nas quais desenvolveram algum tipo de bloqueio. Trata-se de uma situação lamentável, pois muitos deles, tenho certeza, se tornariam o que a universidade mais precisa: professores humanizados que levam em consideração as necessidades e os sentimentos dos alunos.

Necessidade de ter os professores como facilitadores no processo de formação acadêmica:

É possível que, em algumas situações, a única necessidade de alguém seja receber um tratamento gentil, pois não se pode conhecer as circunstâncias de cada indivíduo. Penso que, se tivesse recebido mais empatia, talvez não tivesse tomado atitudes tão drásticas. Não se espera que um professor desempenhe o papel de psicólogo de um aluno, mas é importante ter em mente que estamos lidando com outros seres humanos.

¹ graduanda do curso de fisioterapia da Universidade Federal de Pernambuco - UFPE

² Prof.^a Dr.^a do curso de fisioterapia da Universidade Federal de Pernambuco - UFPE

É fundamental que o professor em sala de aula aborde a importância de ver o paciente como um todo e não se esqueça de que os alunos também podem adoecer, também são pessoas que estão sujeitas a outros processos, que a universidade não é o único ambiente que eles frequentam e que a vida acadêmica não é o centro de tudo, mas apenas uma parte da vida deles.

Além disso, o assédio pode prejudicar o aprendizado, a motivação e a participação dos alunos nas atividades acadêmicas. O assédio psicológico é uma violação dos direitos humanos.

DISCUSSÃO:

Responsabilidade social é basicamente a ética aplicada nas relações, seguindo o propósito de contribuir para uma sociedade mais justa. As pessoas, por meio desse pressuposto, devem estar disponíveis para apoiar causas sociais e ações que promovam o bem-estar de todos.

Falar sobre a responsabilidade social de uma universidade pública, em relação à saúde mental de seus discentes, significa identificar qual é a estratégia de ação traçada para o alcance do referido objetivo. É analisar as atividades realizadas para esse benefício, incluindo as iniciativas voltadas especificamente ao público interno e, também, para a comunidade externa, especialmente as do entorno.

A universidade na qual foi o cenário desse relato de experiência aconteceu, em seu Plano Estratégico Institucional (PEI) 2013-2027, enquanto instituição pública, tem como Missão promover a formação de pessoas e a construção de conhecimentos e competências científicas e técnicas de referência mundial, segundo sólidos princípios éticos, socioambientais e culturais. Sem, no entanto, abandonar as exigências de responsabilidade moral, de cuidado com o meio ambiente e de respeito à diversidade cultural como fundamentos de uma convivência social mais igualitária, responsável e justa.

Para a sociedade, a IES em que a discente fora aprovada para obter a formação profissional de Fisioterapeuta, era ser uma universidade referência mundial comprometida com a transformação e desenvolvimento da humanidade. E foi com essa pressão social que a discente ingressou no ensino superior, trazendo na

bagagem dos seus 20 anos de vida todas as cicatrizes herdadas pelos desafios da sua vida pessoal.

Constantemente, ao longo dos anos de sua formação, a discente era estimulada por alguns de seus professores, em suas falas, a não esquecer o peso de ter que dar continuidade à excelência na formação em Fisioterapia que se esperava mediante a reputação da IES, mas na maioria das vezes esse fardo foi muito pesado, quando somado às histórias de vida da discente. Uma perfeição que, quando não atingida, acarretava consequências que se manifestavam por meio de abusos psicológicos e até verbais, durante toda a graduação, por parte de alguns docentes, independente do departamento a que pertencessem no Centro de Ciências da Saúde (CCS), onde eram cursadas as disciplinas básicas e profissionalizantes.

Mesmo com a gestão da IES assumindo publicamente em seu PEI quais são os seus Valores, ainda há muito a ser feito internamente para que a relação de convívio cotidiano, entre os membros da comunidade acadêmica, busque a integridade da saúde mental de todos.

Na rotina das salas de aula, por exemplo, segundo situações vividas pela discente e aqui relatadas, nem sempre foram pautadas nos valores que podem afetar diretamente na saúde mental dos envolvidos, como cidadania (assegurar a liberdade, os direitos e as responsabilidades individuais e comunitárias); cooperação (interagir para o bem comum); dignidade (tratar e retratar com respeito toda pessoa e comunidade); diversidade (respeitar as características distintivas de pessoas e comunidades, em seus modos de ser e agir); equidade (promover o justo compartilhar das condições fundamentais ao desenvolvimento humano); ética (avaliar sistematicamente os fins e as consequências sociais e humanas do conhecimento produzido, à luz das ideias de universalidade, respeito, integridade e dignidade de todos os homens); e integridade (promover a honestidade e a ética, nas relações interpessoais intra e extra-campus).

Convivências da discente, com gestores institucionais, servidores, professores e até com seus colegas de turma, pelo relatado, funcionaram como gatilhos para o desencadeamento dos sintomas relacionados ao adoecimento da saúde mental, algumas vezes, até durante sua participação nas atividades acadêmicas. Seu baixo

¹ graduanda do curso de fisioterapia da Universidade Federal de Pernambuco - UFPE

² Prof.^a Dr.^a do curso de fisioterapia da Universidade Federal de Pernambuco - UFPE

desempenho acadêmico era apontado pelos professores, era julgado implicitamente por outros discentes e era cobrado por ela mesma, sendo que nem todos percebiam os desafios que ela enfrentava em sua vida extra-campus, como a fragilidade emocional, comportamental e até físico para ultrapassar as dificuldades financeiras e familiares.

Não era exigido a ela nada que fosse menos que a perfeição, segundo palavras trazidas pela própria discente:

“Não me era possível realizar todas as tarefas, pois estava muito preocupada com tudo e com todos, e quando não alcançava os objetivos era desvalorizada, desacreditada e insultada. Comecei a acreditar realmente que aquele não era o meu lugar, que eu deveria estar em qualquer outro lugar, menos no lugar de aluna de fisioterapia de uma IES considerada como uma das melhores do país. Um lugar que eu havia conquistado com muito esforço e muitos sacrifícios.”

A questão é que tem de haver um esforço muito maior de alunos em vulnerabilidade social e as barreiras que eles precisam enfrentar são imensamente maiores e desproporcionais se comparadas às enfrentadas por alunos que não tem essas vulnerabilidades. Esperar que alunos com perfis tão distintos tenham os mesmos resultados sem levar em consideração suas trajetórias e o cenário socioeconômico no qual ambos estão inseridos é considerado injusto, segundo alguns autores.

Ao abordar a Teoria de Igualdade de Oportunidades de Roemer, trazida por Carvalho e Walternberg, 2015, em relação ao desempenho no vestibular, pode também ser aplicada à mensuração dos desempenhos durante o ensino superior, já que as desigualdades ainda permanecem. Segundo os autores, pode-se afirmar que:

“No ensino superior, as notas que medem o desempenho no vestibular dependem não só do esforço do indivíduo, mas também de outros fatores, tais como a capacidade cognitiva. Esta, por sua vez, depende de fatores hereditários, da situação da família, da criação recebida na infância, da qualidade do ensino recebido, entre outras circunstâncias. As cotas ou reservas de vagas consideram aptos para admissão no ensino superior os indivíduos que mais se esforçaram dadas suas circunstâncias. Dessa forma justiça seria realizada, porque seriam tratados igualmente pessoas com

antecedentes e características semelhantes (CARVALHO e WALTENBERG, 2015).”

A sociedade brasileira manifesta uma tendência a romantizar a pobreza e os esforços exaustivos para se alcançar determinados objetivos, especialmente aqueles que deveriam ser considerados como o mínimo: acesso à educação. Essa tendência consiste em transformar o sofrimento de pessoas em heroísmo e provas da meritocracia, ignorando as desigualdades estruturais que dificultam ou impedem a realização de muitos indivíduos. Além disso, essa tendência também contribui para a manutenção da desigualdade social, pois desresponsabiliza o Estado e a sociedade de garantir o acesso à educação, que é um direito constitucional previsto no artigo 6º da Constituição Federal de 1988 (BRASIL. Constituição 1988).

Com isso, esse direito acaba sendo elitizado, pois só consegue se manter na universidade quem possui recursos financeiros e uma boa rede de apoio, fatores que são escassos para a maioria da população brasileira, como o que foi observado pela discente. Apesar da existência do Plano Nacional de Assistência Estudantil (PNAES) e da tentativa de minimizar as desigualdades entre os alunos, pode-se notar que não há uma diminuição significativa na porcentagem de evasão dos cursos superiores de universidades públicas, tomando como exemplo a própria universidade que aqui está sendo trazida pela acadêmica, que divulgou em 2016 um relatório de evasão onde mostra que todos os autores citados no mesmo, apontam para um fator em comum: dificuldades financeiras vivenciadas pelos alunos (UFPE, 2016). Em 2020, a instituição publicou mais um relatório de evasão anual de 2015 a 2019 onde mostrou uma curva de aumento da taxa de evasão, tanto nos cursos de bacharelado quanto nos cursos de licenciatura da instituição (UFPE, 2020).

Na IES aqui analisada perante sua responsabilidade social na saúde mental de uma acadêmica de fisioterapia, cujas taxas de evasão escolar continuam elevando, foi constatado e até experienciado pela acadêmica, algumas estratégias para amenizar as dificuldades enfrentadas pelos discentes em situação de vulnerabilidade, como a Pró-Reitoria para Assuntos Estudantis (PROAES) que tem como objetivo a promoção e a consolidação de políticas que visem, principalmente, a facilitação da permanência de alunos em estado de vulnerabilidade, buscando promover a igualdade de oportunidade aos discentes da instituição.

¹ graduanda do curso de fisioterapia da Universidade Federal de Pernambuco - UFPE

² Prof.^a Dr.^a do curso de fisioterapia da Universidade Federal de Pernambuco - UFPE

Outros equipamentos que também são disponibilizados a partir das políticas institucionais desenvolvidas, há o Núcleo de Atenção à Saúde do Estudante (NASE), que trabalha em conjunto com a PROAES, a partir de recursos advindos do PNAES. Os esforços são para que os alunos consigam ter um melhor desempenho acadêmico ao disponibilizar ferramentas facilitadoras como: moradia estudantil, alimentação, transporte, saúde, creche, inclusão digital, apoio pedagógico, cultura e esportes.

Apesar das políticas governamentais e institucionais, pode-se notar que os alunos de instituições públicas continuam a evadir-se dos seus cursos, como supracitado. Segundo pesquisa realizada pela Associação Nacional dos Dirigentes das Instituições Federais de Ensino Superior no Brasil (Andifes), publicada em 2019, ao menos 83% dos discentes de universidades federais do Brasil já passaram por situações de desordem emocional.

“Ansiedade afeta 6 a cada 10 estudantes. Ideia de morte afeta 10,8% da população-alvo e pensamento suicida 8,5%. Relativamente à IV Pesquisa, o percentual de estudantes com ideação de morte era 6,1%, enquanto pensamento suicida afetava 4%. Está acesa a luz vermelha da atenção à saúde mental. Um crescimento preocupante não fosse o fato de que o suicídio já é considerado a segunda causa de morte entre o público universitário (SANTOS, 2017) e, ao que parece, segue em franca ascensão no mundo inteiro (ANDIFES, 2019)”.

Das principais causas de adoecimento mental relatadas pela pesquisa estão: problemas financeiros 24,7%, carga excessiva de trabalhos estudantis 23,7%, adaptação a nova realidade que inclui mudança de cidade, moradia, e distância da família 16%, dificuldade de acesso a materiais e meios de estudo 13,8% e relacionamentos interpessoais 8,6% (ANDIFES, 2019).

A situação financeira dos alunos aparece em primeiro lugar. Tomando como exemplo a própria IES frequentada pela acadêmica, pode-se ter uma noção de quão precária é a situação desses estudantes, pois mesmo com bolsas de auxílio permanência tendo valores tão abaixo do que é considerado necessário para um brasileiro viver dignamente, ainda há insuficiência no número de bolsas disponíveis para atender as solicitações dos discentes por falta de recursos disponíveis.

Em maio de 2023, na instituição aqui analisada, há 2 níveis de auxílio distribuídos nos seus três campus, cujos valores variam segundo estudos de necessidades atribuídas às características loco regionais: Bolsa Nível 3, com valor de R\$ 300,00, R\$ 400,00 ou R\$ 500,00; e a Bolsa Nível 4, com valor de R\$ 400,00, R\$ 600,00) ou R\$ 700,00. Valores esses bem abaixo do que o Dieese (Departamento Intersindical de Estatística e Estudos Socioeconômicos), apontaram em novembro de 2021 como sendo uma remuneração mínima necessária para uma família de quatro pessoas (dois adultos e duas crianças) viverem dignamente, que seria de R\$ 5.969,17 (aproximadamente R\$ 1.492,00 por pessoa). É importante ressaltar que no Brasil, em maio de 2023, o salário mínimo vigente é de R\$ 1.320,00.

Outro ponto que deve ser considerado é a dificuldade de adaptação dos estudantes a um tipo de realidade a qual não estão acostumados. Ao adentrar no ambiente universitário os alunos se deparam com novos desafios que implicam no processo de amadurecimento, e que, por ainda estar num momento de desenvolvimento, gera implicações no gerenciamento do tempo dos discentes, que não conseguem elencar facilmente quais são suas atividades importantes de suas vidas, em cada um dos seus domínios, seja na vida pessoal (intelectual, emocional e felicidade), vida profissional (aqui entra a universidade e outros locais, para os que necessitam trabalhar concomitante ao estudo. Considera-se a carreira, finanças e contribuição social), relacionamentos (familiar, amoroso e vida social) e qualidade de vida (lazer e hobbies; saúde e bem estar; espiritualidade).

Às vezes, essa desigualdade na dedicação de tempo destinado a cada domínio de vida, com alguns professores cobrando e expondo os discentes por melhores rendimentos para suprir as expectativas da academia, facilita para que haja um entendimento que toda o tempo seja direcionado para o âmbito profissional, sugando a atenção de um jovem que muitas vezes não são maduros ou não estão saudáveis para lidar com grandes demandas, altas cobranças, para serem autodidatas).

Com a falta de tempo para o âmbito pessoal, relacionamentos e qualidade de vida, como o lazer, esse jovem pode começar a evoluir para um processo de desumanização, já que quando as expectativas dos outros e de si mesmos não alcançadas, geram o sentimento de fracasso, de não pertencimento, comparação,

¹ graduanda do curso de fisioterapia da Universidade Federal de Pernambuco - UFPE

² Prof.^a Dr.^a do curso de fisioterapia da Universidade Federal de Pernambuco - UFPE

autocrítica excessiva, podendo progredir para pensamentos depressivos, pensamentos punitivos e até ideações suicidas (VELOSO *et al.*, 2019).

Por falta do amadurecimento da maioria dos acadêmicos, na maioria das vezes por conta de uma base familiar estruturada e saudável, começa a existir uma naturalização de comportamentos agressivos dos docentes (o que não está atrelado à questão física, mas sim, na maioria das vezes, refere-se ao aspecto emocional e moral), principalmente por não perceberem que terão suporte e/ou segurança institucional, caso alguma denúncia formal venha a acontecer. A cultura da impunidade aos professores ou a qualquer pessoa que esteja hierarquicamente acima, faz parte da vida do discente da maioria das IES de natureza pública.

*“A universidade constitui local favorável para a competição. Entre os docentes esta se dá por prestígio e reconhecimento acadêmico, cargos, publicações e obtenção de financiamentos para pesquisas. Comumente são descritos comportamentos abusivos, hostis ou humilhantes que tem como perpetradores pessoas com posição superior ou maior tempo de instituição, dando início a um ciclo vicioso onde a prática violenta é transmitida de uma geração para a outra (SHERER *et al.*, 2018).”*

Em outro trecho o autor diz:

*“[...] de acordo com as estudantes, os docentes não percebem a sobrecarga do curso, não reconhecem as diferenças entre os alunos, não toleram quando esses não correspondem às suas expectativas, ficam distantes, não oferecem apoio, são autoritários e avessos a questionamentos e críticas. Esses achados encontram respaldo em artigo que revela que as relações assimétricas no contexto universitário, marcadas pelo poder e seu uso, produzem um manejo inadequado do processo de ensino-aprendizagem pelos docentes, ao originar uma verticalização que não aproxima os professores dos sujeitos interessados no aprendizado (SHERER *et al.*, 2018).”*

O trabalho docente nas universidades públicas brasileiras é também marcado por diversas exigências e pressões, que podem afetar a saúde física e mental dos próprios professores. Alguns dos fatores que contribuem para esse adoecimento são a alta carga horária de trabalho; a cobrança por produtividade acadêmica; a falta de reconhecimento e valorização; o excesso de burocracia; a violência e o assédio moral no ambiente de trabalho; entre outros. Esses fatores podem gerar estresse,

ansiedade, depressão, síndrome de Burnout, distúrbios psicossomáticos e outras patologias que comprometem a qualidade de vida e o desempenho profissional dos professores (CALDAS *et al.*, 2022).

Portanto, é necessário que sejam adotadas medidas de prevenção e promoção da saúde mental dos docentes, tais como: a melhoria das condições de trabalho, o respeito à autonomia e à diversidade, o incentivo à cooperação e ao diálogo, o apoio psicológico e social, a valorização da formação continuada e do lazer, entre outras (OLIVEIRA; PEREIRA; LIMA, 2017). A saúde mental dos docentes é um tema relevante não apenas para os próprios profissionais, mas também para a sociedade em geral, pois afeta diretamente a qualidade da educação e da produção científica no país (DIEHL; MARIN, 2016).

Nesse ecossistema de uma universidade pública, cuja missão é transformar e desenvolver cidadãos, trazendo o ensino-aprendizagem como meio para alcance de tal fim, entende-se que a cada segundo deve haver uma sinergia entre os ambientes e sistemas existentes, além das pessoas envolvidas, para viabilização e sustentação de todos e do todo. Assim, a saúde mental de todos passa a assumir um papel de prioridade máxima nas demandas do mundo globalizado a que estamos inseridos.

Num ambiente de formação de recursos humanos, inclusive para a assistência à saúde, a fragilidade da saúde mental precisa ser melhor estudada, cuidada e monitorada, não só para os discentes, mas também para todos os outros membros da comunidade acadêmica. Hoje o suicídio é considerado como um problema de saúde pública, com adolescentes e jovens apresentando-se com uma das faixas etárias mais acometidas. Ou seja, as universidades precisam entrar nessa rede de apoio para o combate ao mesmo.

Professores devem estar saudáveis e serem preparados para assumir sua responsabilidade de tornar as pessoas competentes para a formação que se propõem a estudar. É preciso ensinar não só a saber e a fazer. Cada vez mais é preciso ensinar a Ser e a Conviver. Discentes que não se relacionam com seus colegas de turma, que demonstram sinais de alterações comportamentais, que não têm bom desempenho acadêmico devem ser observados e até mesmo

¹ graduanda do curso de fisioterapia da Universidade Federal de Pernambuco - UFPE

² Prof.^a Dr.^a do curso de fisioterapia da Universidade Federal de Pernambuco - UFPE

encaminhado para setores institucionais destinados e especializados para esse suporte de escuta e triagem.

É preciso conversar uns com os outros, espaços e momentos de convivência devem existir. Toda a sociedade deve estar atenta uns aos outros e assim, se envolver na prevenção do adoecimento mental e, mais ainda com o suicídio. Nas instituições públicas, cujo percentual de estudantes oriundos da rede pública e em estado de vulnerabilidade social é elevado, devem ter suportes desde os primeiros períodos do curso, já que pelo relato aqui apresentado, a chance do jovem já chegar na universidade num estado de fragilidade mental é muito alta.

CONCLUSÃO:

O adoecimento psicológico nas universidades públicas é um problema que atinge tanto os estudantes quanto os professores, e por isso necessita de cuidado e atenção. O ambiente universitário é repleto de desafios, mudanças e exigências, e que por isso acaba gerando estresse, ansiedade, depressão e outros transtornos psicológicos.

Tais condições acabam comprometendo a qualidade de vida, a autoestima, motivação e a capacidade de aprendizagem dos alunos, o que pode gerar barreiras a sua inserção e adaptação no mercado de trabalho. Além disso, o adoecimento dos estudantes pode gerar impactos negativos na sociedade, como a redução da produtividade, da criatividade e da inovação, bem como o aumento dos custos com saúde pública e assistência social.

Ademais, muitos alunos estão em situação de vulnerabilidade social, o que por consequência, acaba dificultando a permanência e seu desempenho acadêmico. Portanto, é essencial que o Estado assuma o seu papel e garanta o apoio financeiro e assistência estudantil para esses alunos, bem como ampliar os serviços de apoio psicológico e psicopedagógico nas instituições de ensino superior; incentivar a prática de atividades físicas, culturais e de lazer e estimular o diálogo e a solidariedade entre os alunos.

É fundamental que a universidade seja um espaço de debate e reflexão sobre as questões de saúde mental, que possa agir promovendo a conscientização, a

prevenção e o combate à violência psicológica. Assim, a universidade poderá cumprir seu papel social de produzir conhecimento, formar cidadãos e contribuir para o desenvolvimento pessoal e coletivo.

“A facilidade de aprender pelo amor é muito maior do que apenas decorar por temer o professor.”

REFERÊNCIAS:

ANDIFES. V Pesquisa Nacional de Perfil Socioeconômico e Cultural dos (as) Graduandos (as) das IFES. Disponível em: <https://www.andifes.org.br/wp-content/uploads/2019/05/V-Pesquisa-Nacional-de-Perfil-Socioeconomico-e-Cultural-dos-as-Graduandos-as-das-IFES-2018.pdf>. Acesso em: 07 Abr. 2023.

ARIÑO, Daniela; BARDAGI, Marúcia. Relação entre Fatores Acadêmicos e a Saúde Mental de Estudantes Universitários

BORINE, Rita, C, C.; WANDERLEY, Kátia,S.; BASSITT, Débora, P. Relação entre a qualidade de vida e o estresse em acadêmicos da área da saúde. Estudos Interdisciplinares em Psicologia, Londrina, v. 6, n. 1, p. 100-118, jun. 2015.

BOTEGA, Neury. Comportamento suicida: epidemiologia. Scielo Org. Disponível em:<https://www.scielo.br/j/pusp/a/HBQQM7PGMRLfr76XRGVYnFp/?lang=pt#>. Acesso em: 28 Abr. 2023.

BRASIL. Constituição (1988). Constituição da República Federativa do Brasil. Brasília, DF: Senado Federal: Centro Gráfico, 1988. Disponível em: <https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm>. Acesso em: 01 maio 2023.

BRASIL. Decreto N° 7.234, DE 19 de julho de 2010. Dispõe sobre o Programa Nacional de Assistência Estudantil- PNAES. Brasília, DF, 2010.

BRASIL. Lei N° 12.711 de 29 de agosto de 2012. Dispõe sobre o ingresso nas universidades federais e nas instituições federais de ensino técnico de nível médio e dá outras providências. Brasília, DF, 2012.

¹ graduanda do curso de fisioterapia da Universidade Federal de Pernambuco - UFPE

² Prof.^a Dr.^a do curso de fisioterapia da Universidade Federal de Pernambuco - UFPE

CALDAS, Fabiana Botelho et al. SAÚDE MENTAL E TRABALHO NA UNIVERSIDADE PÚBLICA: UMA REVISÃO SISTEMÁTICA. Revista de Psicologia, Fortaleza, v. 13, n. 1, p. 81-95, jun. 2022. Disponível em: <http://periodicos.ufc.br/psicologiaufc/article/view/71478>. Acesso em: 01 maio 2023.

CARVALHO, Márcia Marques de; WALTENBERG, Fábio D.. DESIGUALDADE DE OPORTUNIDADES NO ACESSO AO ENSINO SUPERIOR NO BRASIL: uma comparação entre 2003 e 2013. Economia Aplicada, [S.L.], v. 19, n. 2, p. 369-396, jun. 2015. FapUNIFESP (SciELO). <http://dx.doi.org/10.1590/1413-8050/ea124777>.

DIEHL, Liciane; MARIN, Angela Helena. Adoecimento mental em professores brasileiros: revisão sistemática da literatura. Estudos Interdisciplinares em Psicologia, [S.L.], v. 7, n. 2, p. 64, 31 out. 2016. Universidade Estadual de Londrina. <http://dx.doi.org/10.5433/2236-6407.2016v7n2p64>. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2236-64072016000200005. Acesso em: 01 maio 2023.

MINISTÉRIO DA SAÚDE. Secretaria de Vigilância em Saúde. Boletim epidemiológico, v. 52, n. 33, Set/2021.

OLIVEIRA, Amanda da Silva Dias; PEREIRA, Maristela de Souza; LIMA, Luana Mundim de. <https://www.scielo.br/j/pee/a/V3Twyq9cC536hK6PyGqhQBQ/?lang=pt>. Psicologia Escolar e Educacional, Sp, Uberlândia, v. 21, n. 3, p. 609-619, dez. 2017. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/pee/a/V3Twyq9cC536hK6PyGqhQBQ/?lang=pt>. Acesso em: 01 maio 2023.

ORGANIZACIÓN, M.S. Informe mundial sobre salud mental. Ginebra: Organización de la Salud. 2022.

SCHERER ZAP, Scherer EA, Rossi PT, Vedana KGG, Cavalin LA. Manifestação de violência no ambiente universitário: o olhar de acadêmicos de enfermagem. Rev. Eletr. Enferm. [Internet]. 31º de março de 2015 [citado 7º de abril de 2023];17(1):69-77. Disponível em: <https://revistas.ufg.br/fen/article/view/22983>

UFPE. Causas da evasão de alunos nos cursos de graduação presencial da UFPE. Disponível em:

[https://www.ufpe.br/documents/38954/371376/r_evaso_16.pdf/53642e52-41fb-4b43-b098-98db6a470176#:~:text=Segundo%20Jacob%20\(2000\)%2C%20as,familiares%20e%20ao%20curso%20desinteressante](https://www.ufpe.br/documents/38954/371376/r_evaso_16.pdf/53642e52-41fb-4b43-b098-98db6a470176#:~:text=Segundo%20Jacob%20(2000)%2C%20as,familiares%20e%20ao%20curso%20desinteressante). Acesso em: 07 Abr. 2023.

UFPE. Relatório de evasão anual 2015/2019. Recife: UFPE, 2020. Disponível em: <https://www.ufpe.br/documents/3076814/3475505/Relat%C3%B3rio+Evas%C3%A3o+Anual+08.Jan.2020.pdf/800ffa51-9bcd-4127-a0f8-d04fbc77ad49>. Acesso em: 07 Abr. 2023.

VELOSO, Lorena Uchoa Portela; LIMA, Camylla Layanny Soares; SALES, Jaqueline Carvalho e Silva; MONTEIRO, Claudete Ferreira de Souza; GONÇALVES, Angélica Martins de Souza; SILVA JÚNIOR, Fernando José Guedes da. Ideação suicida em universitários da área da saúde: prevalência e fatores associados. Revista Gaúcha de Enfermagem, [S.L.], v. 40, p. 1-6, 2019. FapUNIFESP (SciELO). <http://dx.doi.org/10.1590/1983-1447.2019.20180144>.

ZBUINOVICZ, Kauana; MARIOTTI, Milton. As vulnerabilidades do estudante universitário: uma revisão integrativa. Scielo Preprints. Disponível em: <https://file:///C:/Users/usuario/Downloads/CARACTERIZA%C3%87%C3%83O+DO+APOIO+PEDAG%C3%93GICO+NA+ASSIST%C3%8ANCIA+ESTUDANTIL+DAS+UNIVERSIDADES+ESTADUAIS+DO+PARAN%C3%81.pdf>. Acesso em: 26 Abr. 2023

¹ graduanda do curso de fisioterapia da Universidade Federal de Pernambuco - UFPE

² Prof.^a Dr.^a do curso de fisioterapia da Universidade Federal de Pernambuco - UFPE